

**VARIAÇÃO LEXICAL NA FALA DE TUCURUÍ  
E ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA**

*Cecília Maria Tavares Dias*(UNIFESSPA)

[ceciliatavaresdias@gmail.com](mailto:ceciliatavaresdias@gmail.com)

*Eliane Pereira Machado Soares* (UNIFESSPA)

**RESUMO**

Este trabalho tem por objetivo refletir sobre a fala da zona urbana de Tucuruí, município do sudeste do Pará, localidade que sofreu um grande fluxo migratório na década de 80, com a construção da usina hidrelétrica de Tucuruí. Essa pesquisa-ação será desenvolvida em uma escola pública, com alunos do 8º ano, com o fim de investigar na fala dos moradores a influência da variação lexical, a partir da aplicação do questionário de base semântico-lexical do *Atlas Linguístico do Brasil*. Desse modo, pretende-se ressaltar a importância dos dialetos e registros e suas contribuições para a formação da identidade cultural de um povo, bem como será relevante para a renovação dos procedimentos em sala de aula, voltados para o ensino do léxico, no sentido de valorizar a variação linguística dos alunos, bem como, para a ampliação do vocabulário.

**Palavras-chave:** Variação linguística. Identidade. Aprendizagem.

**1. Introdução**

A língua é um processo dinâmico, e como tal renova-se e muda constantemente devido a diversos fatores como a condição socioeconômica dos falantes, a diversidade cultural, a faixa etária, entre outros. Em razão dessas condições sociais, culturais e regionais, para ensinarmos a língua portuguesa na escola, é necessário o desenvolvimento de atividades que explorem e valorizem a linguagem dos alunos, ou seja, utilizemos metodologias que promovam o conhecimento das variedades linguísticas dos diferentes contextos sociais, pois dada à heterogeneidade da língua, não mais concebemos um ensino em que se privilegie apenas a aprendizagem da variedade culta, em que impomos aos alunos regras descontextualizadas da gramática normativa, embora seja importante o ensino da norma padrão, uma vez que devemos preparar o aluno para que o ascenda socialmente. Assim, respeitando-se e valorizando os diversos falares, o fazer pedagógico precisa ser repensado de forma que a escola abra suas portas para um ensino em que os alunos conheçam a riqueza lexical de sua língua materna, que possui um vasto vocabulário, sendo constante o surgimento de novas palavras, assim como, muitas deixam de ser utilizadas, caindo-as em desuso. Devemos, portanto, estimular os alu-

## XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

nos para o conhecimento do nosso léxico, oportunizando-os a reflexão de que há varias maneiras de se dizer a mesma coisa, como postula Bortoni-Ricardo (2005):

A escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores e por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. E mais, que essas formas alternativas servem a propósitos comunicativos distintos e são recebidas de maneira diferenciada pela sociedade. (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 15).

Nesse sentido, havemos de considerar que o campo lexical de uma língua pode apresentar papel relevante em termos de variação e mudança linguística, pois há uma grande variedade regional e sociocultural do português, para tanto, é importante que a escola proporcione ao aluno o estudo da variação lexical, dada a necessidade de se explicar o uso alterante de certas formas léxicas que ocorrem tanto nas condições linguísticas, quanto nas extralinguísticas.

### 2. *Problemática*

Como existem formas distintas de efetuarmos a língua, pois ela varia no espaço (variação diatópica), no tempo (variação diacrônica) e no indivíduo, é natural que ocorra o emprego de expressões linguísticas diferentes, num município onde se encontram pessoas advindas de várias regiões do Brasil, em busca de emprego na construção da (usina hidrelétrica de Tucuruí), sobretudo, na década de 80. E como já havíamos realizado uma pesquisa (aplicando-se o questionário do ALiB – Projeto *Atlas Linguístico do Brasil*), nos anos 90, na zona rural do município, questionamos se a fala da zona urbana, que foi onde ficou concentrada a maioria das pessoas que vieram de fora, apresenta consideráveis traços linguísticos diferenciados da fala dos moradores da zona rural de Tucuruí, considerando-se os aspectos lexicais.

### 3. *Objetivos*

Este estudo tem como objetivos gerais: levar o aluno a compreender o fenômeno da variação linguística a partir da variação lexical na fala dos moradores de Tucuruí e estimular o interesse do aluno pelo conhecimento das variedades lexicais. Além desses, vários são os objetivos específicos, entre eles, proporcionar ao aluno a compreensão da importância das variações linguísticas do contexto social em que está inserido;

conhecer a história social do município de Tucuruí; identificar as variedades lexicais usadas pelos moradores; buscar as motivações significativas que levam os falantes a usar termos e expressões diferentes para os mesmos fenômenos; analisar as variações da língua em uso; refletir sobre as diferenças decorridas do uso da linguagem do ponto de vista urbana e rural; registrar a linguagem falada na cidade de Tucuruí e contribuir para o ensino de língua portuguesa de Tucuruí.

#### **4. Justificativa**

A ideia de desenvolver um projeto com o tema voltado para a variação lexical utilizada município de Tucuruí, surgiu após refletirmos sobre como o município vem caminhando ao longo da sua história, sobretudo, por ser um lugar que abrigou duas grandes obras (a Estrada de Ferro Tocantins e a Hidrelétrica de Tucuruí), empreendimentos de grandes portes para a economia do Estado que, portanto, abrigou pessoas de várias regiões do país, que por diversos aspectos, como a dimensão territorial, jamais apresentaria uma uniformidade na modalidade oral, o que pode ser comprovado pela presença de diferentes sotaques e dialetos no município. Para tanto, essa diversidade dos grupos sociais que utilizavam um vocabulário específico, que evidencia suas idiossincrasias e revela um pouco de sua cultura e história, contribuiu significativamente para a formação da linguagem da população desse município.

Em face do prestígio da norma padrão e o fato de a maioria da população ser de família humilde, cuja variedade linguística não reflete a norma culta, nos fez perceber que a fala do pessoal de fora se sobrepunha como superior à do local, com isso há algumas situações de discriminação e preconceito da forma como falam muitas pessoas, sobretudo, nas escolas, onde há muitos alunos advindos de regiões ribeirinhas. A esse respeito, postulam os *Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (1997)*:

O problema do preconceito disseminado na sociedade em relação às falas dialetais deve ser enfrentado, na escola, como parte do objetivo educacional mais amplo de educação para o respeito à diferença. Para isso, e também para poder ensinar Língua Portuguesa, a escola precisa livrar-se de alguns mitos: o de que existe uma única forma “certa” de falar – a que se parece com a escrita – e o de que a escrita é o espelho da fala – e, sendo assim, seria preciso “consertar” a fala do aluno para evitar que ele escreva errado. [...] A questão não é falar certo ou errado, mas saber qual forma de fala utilizar, considerando as características do contexto de comunicação, ou seja, saber adequar o registro às diferentes situações comunicativas. É saber coordenar satisfatoriamente o que falar e como fazê-lo, considerando a quem e por que se diz determinada

## XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

coisa. É saber, portanto, quais variedades e registros da língua oral são pertinentes em função da intenção comunicativa, do contexto e dos interlocutores a quem o texto se dirige. A questão não é de correção da forma, mas de sua adequação às circunstâncias de uso, ou seja, de utilização eficaz da linguagem: falar bem é falar adequadamente, é produzir o efeito pretendido. (BRASIL, 1997, p. 26)

Sobre essa situação, a escola deve propiciar um ensino em que o aluno se sinta incluso nas diversas situações comunicativas, pois é preciso que fique claro a todos envolvidos no estudo da língua de que não há uma variedade linguística superior a outra. Sobre isso, afirma Bagno (2002) que

parece ser mais interessante (por ser mais democrático) estimular, nas aulas de língua, um conhecimento cada vez maior e melhor de todas as variedades sociolinguísticas, para que o espaço da sala de aula deixe de ser o local para o espaço exclusivo das variedades de maior prestígio social e se transforme num laboratório vivo de pesquisa do idioma em sua multiplicidade de formas e usos. (BAGNO, 2002, p. 32)

Desse modo, contribuir para as aulas de língua portuguesa, pesquisando sobre a riqueza de falares em Tucuruí, pretendemos continuar com o estudo que desenvolvemos no trabalho de conclusão de curso da graduação em Letras, um estudo realizado a partir de aplicação do questionário piloto de base semântico-lexical em um ponto de inquérito (zona rural de Tucuruí), vinculado ao Projeto “Atlas Geossociolinguístico do Pará”, coordenado pelo Professor Abdelhak Razky.

O referido trabalho foi embasado nos postulados teóricos da Sociolinguística e da geografia linguística e teve como alicerce um corpus constituído de quatro fitas de áudio, referente a quatro informantes, sendo dois de Breu Branco, um de Muru e um de Novo Repartimento (localidades, que já fizeram parte do município de Tucuruí). Seu objetivo foi o de testar a adequação do questionário piloto à realidade dos falantes paraenses e identificar as possíveis variações lexicais existentes nas localidades pesquisadas. Nesse sentido, pretendemos aplicar esse questionário que possui 256 questões, dividido em quinze campos semânticos: natureza e acidentes geográficos, fenômenos atmosféricos; astros e tempo; flora; atividades agropastoris (agricultura, instrumentos agrícolas); fauna; corpo humano; cultura e convívio; ciclo da vida; religião e crenças; festas e divertimentos; habitação; alimentação e cozinha; vestuário e vida urbana, para verificar a variação lexical na fala dos moradores, haja vista ao processo de intenso fluxo migratório por que passou esse município, e hoje, como se apresenta esse léxico, após o período do término da construção da hidrelétrica e a ida de muitos moradores para outros lugares.

Para verificar a influência da migração, aplicaremos o questionário em alguns bairros estratégicos onde se fixaram mais imigrantes e naqueles onde permaneceram os moradores mais antigos.

Diante desse quadro, é possível chegar à seguinte pergunta: o que é que buscamos ao estudar a variação léxica no município? Primeiramente, podemos dizer, como apresenta Velasco (2003), que o léxico, saber partilhado que existe na consciência dos falantes de uma língua, constituiu-se no acervo do saber vocabular de um grupo sócio-linguístico-cultural. Na medida em que o léxico se configura como a primeira via de acesso a um texto, representa a janela através da qual uma comunidade pode ver o mundo, uma vez que esse nível da língua é o que mais deixa transparecer os valores, as crenças, os hábitos e os costumes de uma comunidade, como também as inovações tecnológicas, as transformações socioeconômicas e políticas ocorridas numa sociedade. Sobre essa questão, Moreno Fernández (1998) expõe o fato de que a variação lexical objetiva explicar o uso alternante de umas formas léxicas em umas condições linguísticas e extralinguísticas determinadas: podem ser unidades de diferentes origens geolinguísticas que estiveram presentes em uma comunidade, de estilo mais ou menos formal, entre outras possibilidades.

Desse modo, essa pesquisa-ação contribuirá, significativamente, para o ensino no referido município, uma vez que envolverá de forma expressiva a participação ativa dos alunos no desenvolvimento de todas as etapas do projeto de intervenção. O referido projeto será construído, desenvolvido e aplicado numa turma de 8º ano da escola de ensino fundamental Maria Fernandes de Medeiros Alves, de acordo com o proposto na metodologia, e servirá para futuros estudos na área de linguagens e letramentos, com enfoque para o estudo da variação linguística, com ênfase para a sociolinguística que é um ramo da linguística que estuda a importância dos dialetos e registros e suas contribuições para a formação da identidade cultural de um povo, bem como será relevante para a renovação dos procedimentos em sala de aula, voltados para o ensino do léxico e para a ampliação do vocabulário.

## **5. Fundamentação teórica**

Os primeiros estudos para a construção de uma hidrelétrica que aproveitasse o potencial do rio Tocantins, iniciaram-se por volta de 1957 e seguiram durante a década de 1960. Com o início da Ditadura Militar, foi implantado, no sul do estado do Pará, o Projeto Grande Carajás, vi-

## XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

sando ao desenvolvimento da Amazônia oriental por meio da atividade minero-metalúrgica e de projetos agropecuário-florestais. Por isso, para a consolidação desse projeto, o município de Tucuruí tornava-se ponto decisivo. Assim, a usina teve sua 1ª etapa concluída em 1984 (inaugurada pelo então presidente João Batista Figueiredo), com uma potência instalada de 4000 MW. A segunda etapa foi concluída apenas em meados de 2007 elevando a capacidade para 8000 MW. Considerando todo esse avanço energético, a usina hidrelétrica de Tucuruí mudou radicalmente a base econômica, a população e as perspectivas da cidade, que pode ter sua história dividida em dois momentos muito distintos: o antes e o depois da hidrelétrica. Nesse sentido, no período da construção da hidrelétrica, o município de Tucuruí passou por um fluxo migratório muito grande com a vinda de pessoas de várias regiões do país em busca de trabalho. Por conta dessa miscigenação, várias foram as contribuições em diversos aspectos, para a vida das pessoas, entre elas, a incorporação vocabular, que modificou, significativamente, o modo do falar dos moradores., pois se pode sentir essa mudança em várias situações comunicativas, como nos eventos da sala de aula.

Tucuruí, portanto, é um celeiro rico de diversidade cultural, com ênfase aqui para o estudo da língua, a qual salientamos, que embora altamente organizada é variável, isto é, um sistema flexível e, desse modo, nenhuma língua viva é fixa, fechada ou sólida. Conforme Marcuschi (2003), a língua é um fenômeno heterogêneo, variável, indeterminado sob o ponto de vista semântico e sintático e que está situado em contextos concretos, tais como o texto e o discurso. Esse caráter dinâmico encontra um campo para aumentar as fronteiras do domínio do repertório linguístico de muitas sociedades no nível lexical. É justamente nesse nível de análise da língua que pode haver a construção, a projeção e a manutenção da maneira como os falantes concebem o mundo no qual vivem, bem como a sua interação com todas as esferas da sociedade, adequando-se aos mais variados contextos das situações comunicativas.

O conhecimento consciente de uma língua (por quem dela queira ser mais do que utilizador) implica o reconhecimento dessa dinâmica diversificante que torna qualquer língua resistente à normalização. De fato, as variantes normativas são, como as não normativas, eventualmente passageiras, mudando ao longo do tempo o modo como os falantes encaram os mesmos fatos linguísticos. A primeira questão que se coloca ao estudar as variedades linguísticas é a de fixar o próprio conceito de variedade. Para Hudson (1981), uma variedade linguística é uma manifestação

de um fenômeno chamado linguagem que se define como um conjunto de elementos linguísticos de similar distribuição social. Dentro dessa definição, ficam incluídas as línguas de um falante ou de uma comunidade de fala, os dialetos e qualquer outra manifestação linguística na qual se possa observar um determinado uso ou valor social. Segundo o referido autor, as variedades linguísticas, assim definidas, revelam problemas consideráveis na hora de distinguir variedades da mesma classe (uma língua de outra, um dialeto de outro) e para a delimitação de diferentes tipos de variedades (língua de dialeto).

## **6. Metodologia**

Este trabalho de pesquisa-ação será desenvolvido em uma escola pública de Tucuruí, município localizado no sudeste do Pará, com alunos do 8º Ano do ensino fundamental da escola municipal Maria Fernandes de Medeiros Alves, que farão uma pesquisa de campo, no corrente ano, com moradores da zona urbana em alguns bairros da cidade, para pesquisar a variação lexical a partir da aplicação do questionário de base semântico-lexical do ALiB (*Atlas Linguístico do Brasil*), para fins de comparação entre a fala dos moradores da zona rural e da urbana desse município, utilizando os dados linguísticos obtidos da pesquisa proposta com outra já realizada pela autora deste projeto, em anos anteriores. Este projeto será desenvolvido da seguinte forma:

### **1ª Etapa:**

Aula sobre o tema variação linguística. Desenvolver o trabalho em parceria com um professor de língua portuguesa. Levar para a sala de aula recursos (jornais, revistas, folhetos, textos de campanha comunitária etc.) exploração de sociedade, cultura e variação linguística, especialmente a lexical, por meio de músicas que apresentam nas suas letras variantes linguísticas, leitura de textos literários, de autores como Guimarães Rosa, linguagem rica de palavras e expressões regionais e os filmes “Narradores de Javé” que trata da história de uma cidade que desaparecer por conta da construção de uma hidrelétrica e a prática do registro e o filme “ai que vida” que apresenta uma vasta variedade regional.

### **2ª Etapa:**

Realização da pesquisa-ação que é uma metodologia muito utilizada em projetos de pesquisa educacional em que o participante é conduzido à própria produção do conhecimento e se torna o sujeito dessa produção. De acordo com Thiollent, 1985:

## XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação da realidade a ser investigada estão envolvidos de modo cooperativo e participativo. (THIOLLENT, 1985, p. 14)

Assim, por meio da pesquisa-ação buscaremos estabelecer uma relação entre o conhecimento e a ação, entre os pesquisadores (professores e alunos e as pessoas envolvidas na situação investigada e desses com a realidade), numa ampla interação entre si, com o intuito de aumentar o conhecimento dos alunos ou nível de consciência a respeito das variedades linguísticas empregadas no município, assim como, contribuir para a discussão a respeito das questões abordadas. Além do mais, essa pesquisa compreenderá a bibliográfica sobre a Sociolinguística (que desde os anos 60, quando esse termo surgiu, se consolidou nos meios acadêmicos), que de acordo com Calvet, (2002, p.140) “a sociolinguística [...] esclarece as diferentes convicções e os diferentes comportamentos no que se refere à língua de grupos inteiros ou de classes inteiras da sociedade”. Nesse sentido, opera-se a noção de que há um vínculo bastante perceptível entre linguagem e sociedade.

### **3ª Etapa:**

Abordagem da linguagem na sua natureza intrínseca com a sua relação com o social, para isso, buscar antecedentes desta relação, em Labov (1963, *apud* CAMACHO, 2000), Fischman (1973, *apud* ALKMIN, 2000), Bourdieu (*apud* CAMACHO, 2000) teorias que, de uma forma ou de outra, confirmam esta relação como questão central deste campo de investigação.

### **4ª Etapa:**

Projeto de intervenção na escola: preparação para a pesquisa: pedido autorização aos pais; preparação dos alunos para a coleta de dados; escolha dos informantes; entrevista com os informantes; aplicação do questionário.

### **5ª Etapa:**

Após à aplicação do questionário, transcrição dos dados coletados, quantificação e comparação.

### **6ª Etapa:**

Produção de um glossário com os itens lexicais pesquisados.



**7ª Etapa:**

Criação, juntamente com os alunos, de um blog da escola para a divulgação da experiência de suas atividades.

**8ª Etapa:**

Parceria com a rádio local para oportunizar aos alunos a divulgação de algumas de suas produções.

**7. Cronograma de atividades**

ATIVIDADE	Dez 14	Jan 15	Fev 15	Mar 15	Abr 15	Mai 15	Jun 15
Aula sobre o tema variação linguística							
Pesquisa bibliográfica e início da elaboração do pré-projeto							
1º contato com o orientador e apresentação da 1ª versão do pré-projeto							
Projeto de intervenção na escola: preparação para a pesquisa							

ATIVIDADE	Jul 15	Ago 15	Set 15	Out 15	Nov 15	Dez 15	Jan 16
Aplicação do questionário semântico-lexical aos informantes							
Aplicação do questionário semântico-lexical aos informantes.							
Sistematização do projeto de pesquisa com base nas orientações do orientador							
Produção de um glossário							
Redação							
Apresentação e defesa							

**8. Considerações finais**

Conforme o que propõe esse projeto de pesquisa, além da obtenção do grau de mestre pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, pretende contribuir para que as aulas de língua portuguesa da Escola Municipal Maria Fernandes abordem metodologias que compreendam o

## XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

estudo das variedades linguísticas, bem como atendam aos objetivos propostos, entre os citados, o de conhecer o fenômeno da variação linguística a partir da variação lexical na fala dos moradores de Tucuruí, verificando se a fala dos moradores da zona urbana, apresenta consideráveis variantes diferenciadas da zona rural do município ( pesquisada em 1997, por meio da aplicação do questionário do ALiB, no aspecto semântico-lexical), dada à influência do convívio com pessoas advindas de outras regiões do país, em decorrência da construção da usina hidrelétrica de Tucuruí, assim como a produção de um glossário pelos alunos, que além de enriquecer as aulas dessa turma envolvida na pesquisa, será doado um exemplar à biblioteca municipal, o qual, certamente, será um material muito importante de pesquisa. Além do mais, visar a uma aprendizagem significativa dos conteúdos mediante uma reformulação do ensino da língua, que propicie a formação dos alunos em cidadãos críticos.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALKMIN, T. M. *Sociolinguística- parte I*. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Christina. *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*, vol. 1, 3. ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- BAGNO, Marcos. *Língua materna: letramento, variação & ensino*. São Paulo: Parábola, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola, 2007.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais. Língua portuguesa: ensino de primeira à quarta série*. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.
- CAMACHO, J. Sociolinguística parte II. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Christina. *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*, vol. 1, 3. ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- HUDSON, Richard. *La sociolinguística*. Barcelona: Anagrama, 1981.
- LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de textualização*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*. Barcelona: Ariel, 1998.

PRETI, Dino Fioravante. *Sociolingüística: os níveis da fala*. São Paulo: Edusp, 2003.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo: Ática, 1994.

VELASCO, Ideval. O léxico da pesca em Soure – Ilha do Marajó. In: RAZKY, Abdelhak. (Org.). *Estudos geossociolingüísticos no estado do Pará*. Belém: Grafia, 2003, p. 155-172.